

PODE OU DEVE A BÍBLIA SER SECULARIZADA?

A. BRAUN, S. J. *

Eu entenderia pela pergunta o seguinte: convém identificar, aceitar, explorar, valorizar o HUMANO, incluindo mesmo o deficiente e o limitado que há nos livros inspirados?

Reporto-me ao último, às limitações dos autores bíblicos e pergunto: é a Bíblia inspirada? é a absoluta inerrância um bloco monolítico? Podemos admitir que há erro na Escritura? No decurso dos séculos parece ter-se feito "tabu" da inerrância absoluta, no dizer de P. Dacquino.

A lebre é ruminante, o morcego é ave, o sol gira ao redor da terra, a terra é plana, a luz foi criada antes do sol, etc. Que diria Linné, Galilei, a ciência, se resolvêssemos o problema apelando para explicações alegóricas, dizendo que os autores falam conforme as aparências? Confiaram-se Santo Agostinho, as Encíclicas de Leão XIII, Bento XV, os manuais de Teologia... Escandalizava ouvidos cristãos o sentenciar-se que ocorria erro nas divinas Escrituras em matéria profana. O erro recairia em Deus, autor e autor literário, na teoria de Franzelin... Condenaram-se autores que admitiam simplesmente erros em dados não atinentes à Revelação. A. Fernandez ousou empregar o termo de "erro material", há cerca de 30 anos. Em 1946 G. Courtade reprovava-o, ainda, em DBS IV (*Dictionnaire Biblique Supplement*).

Se em dados da História Natural se ousou falar em erro, jamais se pôde avançar encontrarem-se erros na Escritura referente a dados históricos. Vedavam-no Encíclicas, respostas da Comissão Bíblica, teses dos manuais de Teologia, até ao Vaticano II.

Mas foram "homens" que escreveram os livros sagrados! Foram orientais, semitas, dos tempos de antanho que faziam história "sui generis". Será que não podiam escrever história romanceada (Tobias, Ester, etc), que não podiam errar na fixação de datas, de dados históricos?

Eis que na aula conciliar, König, cardeal de Viena, já professor de Universidade na cátedra de História das Religiões, aos 2 de outubro

(*) P. Alberto Braun, S. J. é professor de Exegese e de Introdução à Bíblia na Faculdade de Teologia Cristo Rei. Licenciou-se em Filosofia e Teologia. Laureou-se em Exegese no Instituto Bíblico de Roma. Fêz estágio na Palestina e em outros países do Próximo Oriente. Tradutor de várias obras sobre a Escritura, colaborou, igualmente, na tradução da Bíblia feita pela Livraria Agir.

de 1964 proclama contra o teor do esquema: "Desde que se estende a inspiração divina a tudo, segue com dedução direta e necessária, a imunidade absoluta de erro de toda a Sagrada Escritura, pois fé antiga e constante na Igreja nos ensina ser deveras ilícito conceder tenha errado o autor sacro, porque a inspiração divina por si mesma exclui e repele tão necessariamente todo o erro em qualquer cousa religiosa ou profana, quão necessariamente Deus, suma verdade, possa de forma absolutamente nenhuma ser autor de um erro". Quanto às verdades profanas, König proclama: "Notitias historicas et notitias scientiae naturalis a veritate quandoque deficere" (Há casos em que afirmações históricas e dados das ciências naturais se afastam da verdade). Prova-o, citando erros inegáveis.

Se foi espanto que reinou na aula conciliar, mais espantoso foi que apenas dois PP. Conciliares defenderam o teor do esquema, que sintetiza — exagerando — as Encíclicas de Leão XIII e Bento XV que admitem que os autores sacros falam conforme as aparências em assuntos da História Natural ou da ciência.

Resultou outra formulação: a da nossa "Dei Verbum". Deus é autor dos livros inspirados, mas autor no sentido de Irineu: "conditor", i. é, originador, "Urheber" (Rahner). Sob influxo divino especial, o hagiógrafo é verdadeiro autor literário, ficando o homem, oriental, semita, filho de seu tempo, de sua cultura, da ideologia corrente. Preservou-o, porém, Deus, suma verdade e fidelidade, como Deus que dialoga com o homem, revelando-se, revelando-o e revelando-lhe o plano salvífico, preservou Deus o autor literário de erros, mas de forma apenas que jamais errasse, propondo a "verdade", a boa nova, a mensagem, o fato, o evento, o plano salvífico.

Dados da História Natural, seja biologia, antropologia, e sociologia; dados da etnografia e astronomia; dados, enfim, da história, profanos enquanto não relacionados com a "verdade" — a mensagem da salvação — poderão conter erros como frutos da cultura de que era tributário o autor inspirado. Assim como todo e qualquer escritor ou historiador está sujeito ao "aliquando dormitat et Homerus"...

Sabemos que os hagiógrafos são homens. Não nos scandalize, portanto, o humano na Bíblia. Admitamo-lo. A inerrância absoluta é "tabu", é mito. Paulo pôde ter tido idéias objetivamente errôneas quanto ao "habitat" das potestades e dos principados (demônios), as do tempo. O relato do dilúvio, como outros, amalgama tradições que se contradizem (não se sabe qual a verídica, nem o autor o dirime). As narrações dos Evangelhos, dos Atos dos Apóstolos poderiam contradizer-se, quando referem "tradições históricas", etc. não correlacionadas com a mensagem da salvação. Pode haver pluralismo, até oposições de concepções teológicas, enquanto não afetam a mensagem da salvação.

Épocas diferentes, mentalidades diversas, gênero literário, capacidade literária, tudo nos leva a ver **TAMBÉM O HUMANO** negativo na Bíblia, nos autores inspirados. Deixemo-los homens...

Dai a pergunta inicial: pode ou deve a Bíblia ser secularizada e desmitizada nos justos limites? Concluindo com um "sim" friso que:

1.º identificar a conotação ou não-conotação dum dado profano com a mensagem da salvação compete ao magistério autêntico, guiado pela pesquisa dos exegetas, pela Tradição e assistido do Espírito Santo;

2.º com a "Dei Verbum" — e toda a tradição — "devemos professar" (texto da "Dei Verbum") "que os livros da Escritura ensinam inconcusamente, fielmente e sem erro a verdade que Deus, para nossa salvação, quis fôsse consignada por escrito" (11). "Assim o Deus que outrora nos falou, mantém permanente diálogo conosco" (9).